

## A QUAL FIM SE DESTINA? A VISÃO DE ESTUDANTES SOBRE A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA

Giovana Raupp dos Santos<sup>1</sup>  
Michael Prado de Souza<sup>2</sup>  
Hiago da Silva Jardim<sup>3</sup>  
Alexandre Silva Virginio<sup>4</sup>

### RESUMO

A escola, espaço a que todas as pessoas têm direito, pode apresentar funções diversas. Deste modo, este trabalho busca compreender a visão de estudantes do Ensino Médio sobre a qual fim se destina a escola, tendo em vista suas experiências enquanto discentes de escolas públicas de Porto Alegre e de Viamão (RS). Concepções tradicionais sugerem que esse seja um local de transmissão de valores e conhecimentos necessários à condição humana e indispensáveis para a organização social. Outras abordagens a pensam como um espaço que propicia a participação ativa dos indivíduos na sociedade e, por consequência, o desenvolvimento de uma postura crítica do mundo. Contudo, esses argumentos, mobilizados por estudiosos da área da Educação, podem não necessariamente refletir a opinião daqueles que são, de fato, os protagonistas dentro da sala de aula: as e os estudantes. A partir de uma abordagem qualitativa, com metodologias que englobam revisão de bibliografias, observações em sala de aula, entrevistas semiestruturadas e conversas informais com estudantes, é possível pensar que a escola, sobretudo o ciclo do Ensino Médio, pode assumir, para as e os discentes, uma função mais “prática” em que a instituição não tem mais como preceito fundamental a formação humana, mas, sim, a preparação para aquilo que os sucede: o mercado de trabalho, tendo a Universidade como porta de entrada ou não. A escola passa a ser, portanto, mais um espaço de conhecimentos utilitaristas em que as aprendizagens servem ao propósito funcional de possibilidades de empregabilidade e menos um local de socialização e formação e desenvolvimento de identidades.

**Palavras-chave:** Escola, Função Social, Estudantes.

### INTRODUÇÃO

A Constituição Federal de 1988 estabelece a educação como um direito de todos e dever do Estado e da família. O Estado cumpre essa obrigação através da oferta de vagas em instituições públicas de ensino, proporcionando que todos - em teoria - tenham acesso a espaços escolares onde a educação seja realizada, segundo o artigo 205 de nossa Constituição, “visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988). Desse modo, é possível pensar como,

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, [rauppgiovana@gmail.com](mailto:rauppgiovana@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, [mpdesouza90@gmail.com](mailto:mpdesouza90@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduando do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, [hssjardim@outlook.com](mailto:hssjardim@outlook.com);

<sup>4</sup> Professor orientador: doutor em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UFRGS, [alexvirginio@ufrgs.com](mailto:alexvirginio@ufrgs.com).



juridicamente, a educação pública e, conseqüentemente, as instituições escolares possuem funções diversas, que vão desde a formação individual à qualificação profissional.

Outras perspectivas, sobretudo de estudiosos da área da Educação, podem sugerir diferentes funções para a escola também. Concepções funcionalistas indicam a escola como um espaço de transmissão de valores e conhecimentos necessários à condição humana e indispensáveis para a organização social. Nessa visão, a escola é responsável por inculcar, nas e nos estudantes, normas importantes para a coesão social, explicitando que cada indivíduo assume, na sociedade, uma função diferente que contribui para a estabilidade social. Outras concepções veem na escola um espaço de desenvolvimento do pensamento crítico, contribuindo para a formação de indivíduos autônomos com participação ativa na sociedade (CAFFAGNI, 2024).

Essas são visões que, embora importantes, podem não necessariamente condizer com o que é sentido por aquelas e aqueles que são as e os protagonistas do processo educativo: as e os estudantes. Por isso, este trabalho busca compreender a visão de estudantes do Ensino Médio sobre a qual fim se destina a escola, tendo em vista suas experiências enquanto discentes de escolas públicas. Dessa forma, essa pesquisa se justifica pela importância de colocar, na centralidade do debate, a visão daqueles que cotidianamente vivenciam a educação pública e que são atores ativos e legítimos dos processos educativos ocorridos nas escolas, procurando compreender se sua visão sobre a função social da escola, embasada em sua vivência prática, está alinhada com o que pressupõe os estudos sobre as instituições escolares e a educação.

Para essa análise, foram entrevistados adolescentes que cursam o Ensino Médio em escolas públicas. Além disso, foram feitas observações em salas de aula e, para compreender o campo de estudos sobre a função social da escola, foi feita uma pequena revisão bibliográfica sobre o tema. A metodologia empregada possibilitou perceber que, diferente das concepções que enxergam a escola como espaço propulsor de desenvolvimento do pensamento crítico das e dos jovens, as e os adolescentes veem a escola sobretudo como uma etapa, um tempo-espaço essencial para um momento posterior, que é o ingresso no mercado de trabalho, tendo a Universidade ou não como porta de entrada. As possibilidades de empregabilidade, portanto, se tornam o propósito principal da escola, na visão das e dos estudantes, enquanto aspectos de formação de identidade e socialização, embora mencionados, se tornam menos importantes.

## METODOLOGIA



As autoras e os autores da presente pesquisa, que trabalha com uma abordagem qualitativa, vivem na capital gaúcha e na sua Região Metropolitana e, portanto, o universo de pesquisa de campo se restringiu a escolas públicas de duas cidades: Porto Alegre e Viamão (RS).

As observações que deram como resultado essa pesquisa foram feitas em salas de aula no âmbito da disciplina de Estágio de Docência em Ciências Sociais I, cursada por uma das autoras, que estagiou em uma escola pública da rede federal em Porto Alegre, e pela inserção, da autora e dos autores, no ambiente escolar de uma escola da rede pública estadual também em Porto Alegre – experiência proporcionada pelo PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) Sociologia.

Foram realizadas, além das observações, conversas informais e entrevistas semi estruturadas com 3 estudantes de escolas públicas de Viamão: dois meninos, um com 16 e outro com 17 anos, e uma menina de 16 anos. Essas conversas, informais e em forma de entrevistas, foram muito importantes para compreender a percepção dos estudantes sobre a função da escola. De acordo com Duarte (2004, p. 215), “entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados”.

Com o intuito de compreender as posições sociológicas em torno da função da escola, foi realizada também uma pequena revisão bibliográfica sobre o tema nas plataformas *Scielo* e no *Google Acadêmico*. Constatou-se que a percepção da finalidade da instituição escolar se alterou durante o tempo, passando de uma visão mais funcionalista, que enxerga a escola como espaço de transmissão de conhecimentos e normas sociais, para uma visão mais moderna, que pode ou ver essa instituição como espaço possibilitador do desenvolvimento do pensamento crítico da juventude ou como um espaço de reprodução de desigualdades.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Apesar da vasta produção intelectual que debate a função social da escola, desde sociólogos à educadores, existe um tema por vezes implícito, outras vezes explícito, que permeia boa parte da literatura sobre o assunto: a relação entre a experiência subjetiva e individual em relação à conjuntura político-social e econômica que estrutura a sociedade onde a escola está inserida. Essas duas questões, apresentadas ora de maneira antagônica, ora convergente, são essenciais para entendermos o contexto do debate na produção de conhecimento, mas também, por aparecerem direta e indiretamente nas opiniões populares



sobre a função social da escola, como veremos mais adiante neste trabalho. Nesse sentido, o referencial teórico da pesquisa tem por objetivo apresentar as linhas gerais do debate, assim como apresentar pontos de divergência e convergência entre os autores apresentados.

Althusser (1985) aponta de maneira crítica os limites sociais da instituição escolar, que inserida em um sistema de opressão de classes como o capitalismo, acaba determinada por este e, portanto, reproduzindo-o. Segundo o autor, apesar da escola ter uma função de ensino da técnica, como a leitura e a escrita, sua principal função social está na “reprodução dos meios de produção” (1985, p. 13):

(...) a Escola ensina também as «regras» dos bons costumes, isto é, o comportamento que todo o agente da divisão do trabalho deve observar, segundo o lugar que está destinado a ocupar: regras da moral, da consciência cívica e profissional, o que significa exatamente regras de respeito pela divisão social-técnica do trabalho, pelas regras da ordem estabelecida pela dominação de classe. (ALTHUSSER, 1985, p. 21)

A posição sustentada por Althusser nos oferece ferramentas críticas para entendermos as afirmações que colocam a escola nesse espaço funcionalista, na medida em que a instituição apenas reproduziria seu papel historicamente constituído de ensino das práticas e dos costumes necessários à inserção no mundo da divisão do trabalho. Tal visão não exclui *a priori* a afirmação de que a escola cumpre papel no desenvolvimento de identidades individuais e outros processos de subjetividade, ao tomarmos como verdade a premissa de que os contextos sócio-políticos também têm influência nesses aspectos.

Foucault (2013) faz um movimento semelhante ao de Althusser ao apresentar o aspecto funcionalista da escola de maneira crítica, onde a instituição tem um caráter disciplinar e normalizador. “A escola, [...] proporciona a formação de determinado tipo de sujeito por meio de um modo específico de relações de poder, caracterizado por Foucault como ‘poder disciplinar’” (GALVÃO, 2018). Neste sentido, o caráter do desenvolvimento da subjetividade e da identidade no processo de formação escolar é atravessado por mecanismos, técnicas e tecnologias de controle, desenvolvidos e aperfeiçoados com o passar do tempo, com o objetivo da produção daquilo que o autor chamou de “corpos dóceis”, em um processo de adestramento dos indivíduos. A escola passaria a produzir e reproduzir, portanto, uma série de técnicas disciplinares que também constituem outras instituições, como o exército, por exemplo.

Na oficina, na escola, no Exército, domina toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, faltas, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (falta de educação, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes «incorretas», gestos inconvenientes, desmazelo), da sexualidade (imodéstia, indecência). (FOUCAULT, 2013, p. 262)



A diferença entre Althusser e Foucault se evidencia na forma como os autores tratam do elemento político-econômico e social em suas abordagens, *a fortiori*, nas distinções de suas tradições teórico-epistemológicas. Enquanto Foucault peca em levar suas críticas à instituição escolar em um aspecto macropolítico, o indivíduo e sua agência parecem reduzidos em Althusser. O ponto de convergência entre os autores, porém, parece estar na reprodução. Em ambos, a escola cumpre um papel de reprodução do *status-quo*, seja em seu nível macro ou em suas micro relações de poder.

É possível identificar também outra proximidade fundamental em ambos os filósofos, quer seja, o exame da problemática da reprodução/disseminação de relações de poder na moderna sociedade capitalista. O lugar sociopolítico da educação, em ambos, é semelhante, apesar da construção conceitual diversa. (PIMENTA, 2023, p. 17)

Outra aproximação observável entre os autores está em uma visão compartilhada de certo pessimismo. Não que os autores se descrevam desta maneira ou que suas teorias sejam avessas a possíveis mudanças na ordem social, mas, ao descreverem a instituição escolar apenas como reprodutora de desigualdades, ignoram ou abandonam sua potencialidade transformadora. Ao tomarmos a escola como um espaço que pode conter em si a resolução de algumas de suas contradições, através do desenvolvimento do pensamento crítico e do exercício da democracia, atribuímos a ela um caráter de luta e disputa político-social. “Seria, portanto, injusto pensar a escola da mesma forma que se pensam outros dispositivos e instituições sociais sem considerar esse caráter próprio de espaço de luta e conquista” (CAFFAGNI, 2024). Não é possível negar, com efeito, que a história constituída da instituição escolar, como sugere Foucault, tal qual a conjuntura material da opressão de uma classe sobre a outra, como colocado por Althusser, criam obstáculos concretos na construção de uma escola para além de si mesma, mas não significam sua impossibilidade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ideia inicial de pesquisa surgiu a partir da observação de uma aula de Sociologia em uma turma do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública da rede federal em Porto Alegre. Nela, alunas e alunos, em uma discussão iniciada em decorrência da grade de horários das turmas, manifestaram sua opinião sobre disciplinas que tinham menos e mais valor para elas e eles. No debate, houveram estudantes que defenderam que disciplinas da área de Exatas eram mais importantes, pois ajudariam mais elas e eles no futuro, e mereciam uma carga horária maior. A justificativa para tal opinião era de que a função da escola, sobretudo do



Ensino Médio, é estudar para o ENEM e, conseqüentemente, fazer ser possível entrar na Universidade. Outras e outros estudantes, por sua vez, acreditavam que disciplinas de outras áreas tinham também um valor importante, pois seus conteúdos vinham de encontro aos seus interesses pessoais. A escola, aqui, para essas e esses jovens, parece assumir também uma função de desenvolvimento pessoal. Foi possível classificar, a partir disso, as ideias das turmas a respeito da função da escola em dois grupos: a escola como lugar de preparação para a entrada na Universidade (e posteriormente no mercado de trabalho) e a escola como um espaço de formação e desenvolvimento das identidades e subjetividades humanas. É importante destacar, no entanto, que uma classificação não exclui a outra, e que as duas ideias de função da escola coexistem, juntas, uma se sobressaindo a outra, a depender do interlocutor.

A partir dessa experiência de observação e análise, passamos a refletir sobre o que pensam as e os jovens sobre a função da escola: para elas e eles, qual o propósito principal da escola ao educar? É o acesso à Universidade? São as possibilidades de empregabilidade? É a formação humana e o desenvolvimento pessoal? Tais percepções se alteram de acordo com a identidade e lugar social que a ou o jovem ocupa? Para melhor compreender o que pensam as e os adolescentes, entrevistou-se 3 estudantes, dois meninos e uma menina, de escolas públicas da rede estadual de Viamão.

Foi perguntado a essas e esses estudantes do Ensino Médio qual o papel que a escola desempenha na vida delas e deles e qual a função social da escola na vida do estudante. O aluno do 1º ano respondeu que “a função da escola é estudar e aprender para desenvolver as habilidades para o futuro”, relatando ainda que “por conta da escola fiz amigos e vou ir aprovando para daqui a pouco começar a trabalhar”. Esse jovem contou que já estava largando currículo de emprego por já ter 16 anos e que a maioria das empresas só contratava após a conclusão do Ensino Médio. Dias depois, o menino compartilhou que um supermercado o havia contratado e acrescentou a sua resposta que a função da escola é fazer com que as pessoas possam ter empregos.

Ao fazer as perguntas para a aluna do 2º ano do Ensino Médio, ela relatou que, na sua visão, “a escola tem um papel crucial em alguns aspectos ajudando a gente no conhecimento formal e também nos ensinando a socializar com outras pessoas, porém a escola também nos ensina que aprendemos quase tudo sozinhos por que nem sempre temos professores dispostos a ensinar de verdade nos explicando as coisas e tirando nossas dúvidas”. Ao ser questionada sobre o que envolve esse “aprender sozinha”, a estudante relatou que “a escola não te ensina a



socializar tu acaba encontrando um amigo e os professores muitas vezes apenas passam o conteúdo deles e não tiram dúvidas sobre o futuro, faculdade e problemas do cotidiano”.

Foi feito o mesmo questionamento a um aluno formando do 3º ano, que respondeu que “a função da escola na minha visão seria proporcionar uma educação digna aos alunos dando a eles um entendimento sobre a vida profissional e adulta, já na parte prática da minha vida a escola me ajudou a ter uma visão mais focada na vida profissional, incentivando os estudos e com projetos práticos como quando tivemos que montar um projeto social para apresentar para todos os alunos da escola”. Ao ser perguntado sobre o que era o projeto relatado, ele contou que se tratava de um trabalho onde deveria ser pesquisado sobre alguma profissão existente e apresentar a profissão no salão de atos da escola.

É possível verificar nos relatos apresentadas pelos estudantes que a grande preocupação do estudante é, sobretudo, a inserção no mercado de trabalho. Os laços criados durante a vida escolar, embora mencionado em menor intensidade, também aparecem como aspectos importantes de suas vivências relacionadas a escola. No entendimento dessa e desses jovens, a função da escola deveria ser a de formação do cidadão e a vida profissional é parte primordial dessa formação. Seus desejos, enquanto estudantes, são de uma escola focada nos anseios das e dos estudantes e de toda comunidade escolar, que falha ao fazer com que suas alunas e seus alunos se sintam abandonados tanto pela escola como pelos professores. Ao exporem suas dúvidas sobre a vida para além dos muros da escola e sobre seus interesses sobre a vida social, não se sentem ouvidos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola pode assumir funções diversas a depender da concepção sociológica adotada e/ou do interlocutor a ser entrevistado. Embora estudiosos como Foucault e Althusser vejam a instituição escolar com certo tom de pessimismo ao pensar nela como reprodutora de desigualdade, com pouca possibilidade de transformação social, há quem pense na instituição como espaço propício para mudança: “a sociedade muda e a escola, fruto dessa mesma sociedade, muda...mesmo que lentamente, mas muda! Que seja a escola o instrumento de mudanças” (CAFFAGNI, 2024, p. 14).

A partir da coleta de dados e das observações feitas, é possível pensar que as e os estudantes, protagonistas dos processos educativos e público-alvo dos propósitos das instituições escolares, por sua vez, pensam a escola sobretudo como uma etapa, um espaço-tempo necessário a ser “passado” para o alcance de um objetivo definido: o trabalho. Por



vezes o ingresso na Universidade é uma possibilidade, mas nem sempre. Nesse sentido, cabe destacar a diferença dos lugares sociais que as e os estudantes ocupam, tendo em vista seus contextos socioeconômicos e, também, as escolas que frequentam, pois o cotidiano e a rotina escolar de uma instituição da rede pública federal difere muito da de uma da rede estadual. Na primeira, é comum que estudantes recém chegados ao Ensino Médio relatem suas expectativas sobre vestibulares e ENEM enquanto na segunda correm comentários, especialmente entre professoras e professores, sobre como as e os jovens, mesmo os que estão em uma fase mais avançada do currículo da educação básica, desconhecem ou não tem perspectivas sobre tais possibilidades.

A socialização da juventude e a formação de suas identidades enquanto indivíduos e cidadãos são também aspectos que as e os estudantes levam em conta ao pensar na função da escola. Tudo isso, no entanto, parece vir como sintoma colateral da experiência escolar, vivências que são proporcionados pelo espaço da escola, mas que a instituição não necessariamente planeja.

Desse modo, fica claro que as funções sociais da escola podem ser muitas, mas, da forma que as escolas estão estruturadas, esse é considerado mais um espaço-tempo de passagem e menos de vivência e formação das subjetividades individuais. Tendo isso em mente, para além de questionar qual a função da escola, é importante pensar a quem a atual estrutura de escola atende. Percebeu-se que a juventude não está contente com a forma com que as instituições funcionam e, por isso, em estudos futuros, é urgente questionar: para quem e para o quê as escolas funcionam?

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em 03 mar. 2025.

CAFFAGNI, Carla. Qual a função social da escola? Reflexões de nuances sociais e políticas a respeito da instituição escolar. **Ensaio: aval. pol. públ. educ.**, v.32, n. 122, p. 1-18, 2024.

DUARTE, Rosalia. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, v. 24, p. 213-225, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.



GALVÃO, Bruno Abílio. Foucault, Deleuze e a máquina escolar: A escola como dispositivo de poder e a produção de corpos dóceis. **Revista Ideação**, 2017.

PIMENTA, Alexandre Marinho. Contribuições de Althusser e Foucault para os estudos sobre militarização de escolas públicas no Brasil. **Revista Trabalho Necessário**, v. 21, n. 44, 2023.

